



A JUVENTUDE METODISTA EXPÕE OS DESAFIOS DO MUNDO: A LINGUAGEM VISUAL DE VANGUARDA DA REVISTA *CRUZ DE MALTA* DE 1962

THE METHODIST YOUTH EXHIBITS WORLD'S CHALLENGES: THE VANGUARD VISUAL LANGUAGE OF THE MAGAZINE CRUZ DE MALTA OF 1962

Helmut Renders¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2366-5801>

RESUMO

Este artigo descreve e analisa as mudanças da linguagem visual religiosa da revista Cruz de Malta Marcha no ano 1962 que surgem junto com um novo lema da revista, “Juventude em luta para um mundo melhor”. Como base se comparou capas dos anos 1960, 1961, 1962, 1963 e 1964 e alguns exemplos do uso do desenho gráfico nas edições da revista de 1962. Percebe-se como a tentativa de estender as fronteiras da atuação da igreja incluindo um diálogo sobre os problemas mais urgentes globais e nacionais da época rompe com padrões da cultura visual que antecipam os anos 70 e 80 por um breve momento. O rápido desaparecimento dessa linguagem religiosa visual vanguarda depois um ano parece hoje como antecipação ou pré-anúncio dos eventos que acabam preparando a ditadura militar brasileira de 1964.

Palavras-chave: Linguagens religiosas; cultura visual evangélica; revista Cruz de Malta; juventude evangélica; década 60.

ABSTRACT

This article describes and analyzes the changes of the religious visual language of the magazine Cruz de Malta in the year 1962 that appear alongside with a new motto of the magazine, “Youth in struggle for a better world”. As a basis we compared covers from the 1960s, 1961, 1962, 1963 and 1964 and some examples of the use of graphic design in the 1962 issue of the magazine. It is perceived as the attempt to extend the boundaries of church performance including a dialogue on the more urgent global and national issues of the time break with visual culture standards that anticipate the 70s and 80s for a brief moment. The rapid disappearance of this avant-garde visual religious language after one year seems today as an anticipation or pre-announcement of the events that ended up preparing the Brazilian military dictatorship of 1964.

¹ E-mail: helmut.renders@gmail.com. Doctor of Ministry pelo Wesley Seminary, Washington D.C., EUA (1998). Doutorado em Ciências da Religião pela Umesp, Brasil (2006). Estágios de pós-doutoramento pela UFJF (Ciências da Religião, 2011) e pela Unifesp (História da Arte, 2022), em andamento pela PUC-SP. Professor colaborador da Pontifícia Universidade de São Paulo e professor visitante da Universidade Metodista de Angola, Luanda.

Keywords: Religious languages; visual evangelical Culture; magazine Cruz de Malta; evangelical Youth; 1960s.

Prefácio para a reedição

O texto em análise nos conduz ao outro lado do Atlântico e remete a um período muito próximo de um dos anos mais emblemáticos da história angolana: 1961. Essa proximidade não se dá por acaso. Tratava-se de uma época em que a juventude lusófona, em ambos os lados do Atlântico Sul, se mobilizava — sete anos antes da efervescência mundial de 1968. Neste artigo, examinaremos os esforços de uma juventude metodista brasileira em organizar-se e reivindicar o direito de realizar a sua própria “descoberta do interior”, entendida, naquele contexto, como a experiência de aproximação às favelas brasileiras. Em particular, acompanharemos as iniciativas de um grupo editorial vinculado a uma revista metodista de juventude, cujos integrantes, em sua maioria, seriam, em não mais do que seis anos, levados no Brasil à clandestinidade, ao exílio ou ao desaparecimento. Destaca-se, nesse processo, a revolução visual promovida por esse coletivo editorial, registrada em sua revista durante o breve ano de 1962. Logo em seguida, a liderança da Igreja Metodista do Brasil retirou o periódico das mãos da juventude metodista e o transformou em uma revista voltada para a Escola Dominical o que ela ficou até hoje. Embora ainda destinada ao mesmo público, passou a veicular conteúdos distintos, sob a vigilância institucional. Em retrospectiva, tal medida antecipou, de certo modo, as exigências que seriam impostas pelo golpe militar de 1964, inclusive o fechamento da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em 1968, por decisão da Igreja.²

Introdução

A cultura visual evangélica brasileira se construiu e constrói, desconstruiu e desconstrói, ao longo do século vinte não de forma linear, mas, com saltos, recuos e voltas, e por meio de vertentes distintas que apresentam seus projetos e suas convicções visuais paralelamente.³ O texto concentra-se em um recorte temporal específico — o ano de 1962 — e em um grupo restrito: a juventude evangélica, mais precisamente a juventude metodista. Esse coletivo buscou expressar e compartilhar sua cosmovisão por meio da revista *Em Marcha*, dirigida tanto a seus pares imediatos quanto às suas

² Como desdobramento deste artigo seu autor idealizou, em 2018, na 3ª Região Eclesiástica, a criação de um *Lugar de Memória e Luto para as Vítimas da Ditadura Militar*. A proposta foi aprovada, mas até agosto de 2026 não havia sido realizada. Paralelamente, em dezembro de 2023, foram demitidos os corpos docente e técnico-administrativo da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, vinculada à Universidade Metodista de São Paulo, sob a alegação de que sua teologia progressista estaria “destruindo a igreja”.

³ Quanto as grandes tendências da cultura visual evangélica brasileira, veja a primeira proposta da sua periodização em Helmut Renders (2018, p. 10-37).

comunidades de fé. Para alcançar tal objetivo, recorreu a uma linguagem visual inédita, jamais utilizada anteriormente em periódicos religiosos no Brasil. Essa experiência, contudo, limitou-se a um curto intervalo de doze meses, encerrando-se de forma abrupta com a saída da equipe responsável, tão repentina quanto havia sido sua chegada. Ainda assim, antecipou uma estética visual que seria retomada nas décadas de 1970 e 1980 pelos movimentos sociais, razão pela qual nos referimos, no título, a uma linguagem visual de vanguarda.

O ano de 1962 representava um período de grandes expectativas para as Igrejas Evangélicas Brasileiras, então organizadas sob a Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Nesse contexto, todas as atenções se voltavam para a cidade do Recife, onde o Departamento Social da CEB promovia um congresso destinado a discutir, de forma específica, questões sociais relacionadas ao Nordeste. Durante essa conferência, um dos palestrantes convidados, Gilberto Freyre, refletiu sobre a presença cultural do protestantismo no Brasil e sintetizou sua percepção nas seguintes palavras:

A despeito do crescente número de cristãos evangélicos em nosso país, ainda não apareceu o brasileiro de gênio, que nascido evangélico, criado em meio evangélico, identificado com a interpretação evangélica da vida e da cultura brasileira, se afirmasse no Brasil grande poeta ou grande escritor em língua portuguesa, ou compusesse música brasileira, marcada por esta interpretação ou por esta inspiração, ou o arquiteto também de gênio que desenvolvesse para as igrejas evangélicas do trópico, um tipo de arquitetura que não fosse nem a imitação do tipo católico, nem reprodução do protestante anglo-saxônico ou germânico (FREIRE, 1963, p. 59-60).

Ao concluir sua análise, Gilberto Freyre lançou um desafio aos representantes das igrejas históricas presentes, afirmando:

É tempo de o cristianismo brasileiro evangélico ir além e concorrer para esse enriquecimento com um escritor do porte e da flama revolucionária, eu diria, de Euclides da Cunha; com um poeta da grandeza de Manoel Bandeira; com um compositor que seja outro Villa-Lobos, que componha baquianas brasileiras que sejam interpretação ao mesmo tempo evangélica e brasileira de Bach. Também um caricaturista ou um teatrólogo revolucionariamente evangélico que pela caricatura ou pelo teatro denuncie abusos de ricos que para conservarem um privilégio de classe pretendam se fazer passar por defensores ou conservadores de tradições religiosas ou mesmo do que se intitula às vezes, pomposa e hipocritamente, civilização cristã (FREIRE, 1963, p. 62).

Em seguida, pretendemos demonstrar que a juventude dessas igrejas não apenas compartilhava, em parte, das observações de Gilberto Freyre e do *mea culpa* articulado por seus líderes religiosos — como se verá na citação subsequente —, mas também antecipava as conclusões da Conferência do Nordeste. Essa juventude evidenciava uma visão em sintonia com a percepção freyreana acerca da necessidade de enfrentar os desafios de uma nova fronteira cultural.

Perguntamos até que ponto a Igreja Evangélica tem penetrado a nossa cultura autêntica, ou se identificado com ela; e até onde se tem sobreposto artificialmente a ela, ou se colocado ao lado dela, criando assim uma espécie de “subcultura da Igreja”, que não tem raízes na tradição cultural brasileira, nem terá futuro nela. [...] Não é preciso rejeitar totalmente as contribuições estrangeiras, naquilo que elas têm de valor para enriquecer a condição brasileira. É, porém, necessário abraçar-las. É na sua particularidade e identificação com o povo que uma obra artística ou outra instituição cultural podem atingir e manifestar valores universais que

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja: a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

contribuem para a verdadeira humanização do homem, manifestada na encarnação de Jesus Cristo (S.N., 1963, p. 182).⁴

Constitui nossa hipótese de trabalho que a juventude protestante, naquele momento histórico, sentia-se desafiada não apenas pela fronteira cultural, mas também pela fronteira social. Para demonstrar essa percepção, apresentaremos e interpretaremos capas da revista da juventude metodista *Cruz de Malta*. À época, na Igreja Metodista do Brasil — que, em 1971, passou a denominar-se simplesmente Igreja Metodista — duas associações de grupos societários mantinham periódicos próprios: a Sociedade das Mulheres Metodistas publicava a revista *Voz Missionária*, enquanto a Sociedade dos Jovens Metodistas editava a revista *Cruz de Malta*. A expressão “revistas próprias” refere-se à ampla responsabilidade assumida por essas associações quanto ao conteúdo, ao formato e à sustentabilidade financeira, assegurada pela venda dos exemplares. Ambas as publicações possuíam redações compostas por membros das respectivas sociedades, que também se encarregavam da seleção e da elaboração da arte gráfica.

1. As capas da revista “Cruz de Malta”: de uma linguagem religiosa visual moderna para uma linguagem de vanguarda

Em janeiro de 1962, um novo grupo redacional, composto por representantes das regiões Sul, Centro e Sudeste do país, assumiu a direção da revista *Cruz de Malta*. Além do pastor responsável, William R. Schisler Filho⁵ — conhecido como “Dico” — integraram a equipe Caio Navarro de Toledo⁶, Ulysses Telles Guariba Neto⁷ (1940–2017), Heleny Telles Ferreira Guariba⁸ (1941–1971[?]), sua esposa⁹, Claudius Ceccon¹⁰ (1937–), Derly

⁴ Uma passagem mais extensa aparece ainda no Expositor Cristão (15/04/1963, p. 3) sob o título: “Gilberto Freire fala aos evangélicos”. A discussão ficou, então, não somente em nível de congresso, mas foi levada às igrejas locais.

⁵ Pastor William R. Schisler Filho foi quem cuidou do grupo dos jovens na época em que deixou São Paulo em 1976 e iniciou uma missão pioneira em Florianópolis, SC. Além de fundar a igreja metodista na cidade, criou um lar de idosos, o Centro Vivencial para Pessoas Idosas.

⁶ Aposentou-se como professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política da UNICAMP com foco em ideologias e o golpe militar de 1964 (TOLEDO, 2014, 1984).

⁷ Aposentou-se como professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

⁸ Heleny Guariba, desaparecida desde 1971, é hoje, lembrada pelas suas contribuições para o teatro popular. Receberam seu nome o Teatro Studio Heleny Guariba em São Paulo, o Auditório Heleny Guariba do Teatro de Santo André, SP, e o Centro Cultural Heleny Guariba em Diadema, SP.

⁹ Se casaram em 1962. Depois da separação em 1969, Heleny militou com a guerrilha contra a ditadura.

¹⁰ Trabalhou como caricaturista para o *Jornal do Brasil* (1957ss), *Pif Paf* e *O Pasquim*. Depois ser preso por uma charge na revista *O Pasquim*, exilou-se em 1970 em Genebra e fundou, com Paulo Freire o Instituto de Ação Cultural (IDAC), no qual ele trabalhou em projetos de alfabetização na África lusófona, em bairros da periferia de São Paulo com o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns (1978ss). Fundou em 1986, com Paulo Freire, o cineasta Eduardo Coutinho e a escritora Ana Maria Machado o *Centro de Criação da Imagem Popular*, CECIP (Cf. Claudius, 2018).

Marques¹¹ (1934–) e Derli Barroso¹² (1938–), este último encarregado do projeto gráfico.¹³ Pouco tempo depois, juntou-se também Ondina Godoy Germano. Entre os colaboradores da revista figuravam, à época, nomes como o dos pastores presbiterianos João Dias de Araújo¹⁴ (1930-2014) e [Millard] Richard Shaul, (1919-2002), (01/1961, p. 9-12; 05-06/1962, p. 22-26 e 26-32) e os pastores metodistas Almir dos Santos¹⁵ (01-02/1960, p. 14-18) e Dorival Rodrigues Beulke¹⁶ (1927-2015).

Figura 1: Capas da revista *Cruz de Malta* dos anos 05/1936, 08/1937, 12/1938, 01/1939, 07 e 11/1945, [194?], 09/1947 e [194?]



Fonte: CdM, ano, 32, n. 1, janeiro 1959, p. 2

Figura 2: Capas da revista *Cruz de Malta* dos anos 12/1949, 05/1950, [195?], 07/1953, 02/1954, 07/1955, [195?], [195?] e [195?]



Fonte: CdM, ano 33, n. 1, janeiro 1960, p. 2

As capas da revista *Cruz de Malta* apresentavam, em sua fase inicial, um caráter predominantemente “tradicional”. Em duas edições, encontra-se um “memorial visual”

¹¹ Especialmente conhecido como fotógrafo do teatro (1957ss) escreve também: “Anti-comunismo: na fonte de inspiração para pastores sem assunto” (MARQUES, 15/10/1962, p. 2)

¹² Nasceu em Avanhanda, SP e se juntou à redação de Piracicaba, SP. Se exilou aos EUA, onde estudou fotografia. Tem hoje a cidadania estadunidense. Realiza exposições artísticas de fotografias desde 1971.

¹³ Confira o *impressum* da *Cruz de Malta*, p. 3- (jan. /fev. 1962) e o Editorial de “Dico” (Pastor William R. Schisler Filho) na mesma página: “Gente nova tomou conta da “nossa” – e você vai gostar! Desde a Carochinha tem sido assim. Cada geração é bossa nova que tem o que dizer. E agora chegou a vez de Caio, Ulysses, Claudius, Heleny, Derly, Carmen – e você!”

¹⁴ Além de análises, contribui com poesias (09-10/1962, p. 2) e letras de músicas (“Que Estou Fazendo Se Sou Cristão?”). No seu livro *“Inquisição sem fogueiras”* (2010) contou a história da perseguição da juventude presbiteriana durante a ditadura militar.

¹⁵ Pastor metodista e professor da Faculdade de Teologia para teologia prática. 1971 eleito bispo em Rio de Janeiro. Junto com Carlos Cunha, Waldo César responsável para a Conferência do Nordeste em 1962.

¹⁶ Beulke era entre 1960 e 1964 pastor metodista em Recife. Seu boletim de igreja tinha o nome “O revolucionário”. Duas meses foi preso durante o regime militar e ficou preso com Paulo Freire.

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

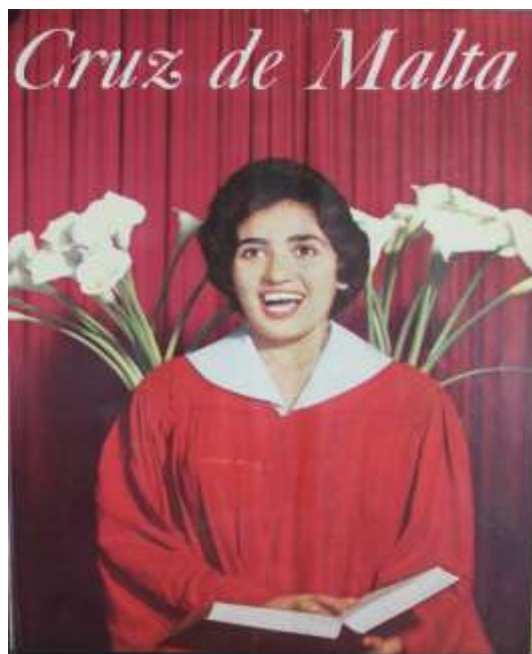
(figuras 1 e 2) que reúne capas publicadas entre os anos de 1936 e 1959. Nesse período, não se observa a existência de um projeto gráfico definido. As capas variavam entre fotografias, desenhos e sumários, com ou sem informações relativas à edição. Com exceção da última, que traz um desenho, nenhuma delas revela aspirações artísticas mais elaboradas. Na década de 1960 (figuras 3 e 4), observa-se a adoção de um novo projeto gráfico, inspirado em periódicos ilustrados como *Manchete* e *O Cruzeiro*, já consolidados desde a década de 1950.¹⁷ Acompanhava-se, assim, o modelo gráfico de revistas seculares amplamente reconhecidas, o que, no contexto eclesial, representava um passo significativo: a incorporação de uma linguagem visual secular sinalizava que a juventude metodista acompanhava atentamente as transformações culturais de seu tempo.

Figura 3: Capa da revista Cruz de Malta capa de janeiro 1960



Fonte: CdM, ano 33, n. 1, janeiro 1960, capa

Figura 4: Capa da revista cruz de Malta, capa de novembro 1960



Fonte: CdM, ano 33, n. 11, nov. 1960, p. capa

Entretanto, não se tratava de simples retratos, mas de composições visuais elaboradas. Na figura 4, por exemplo, a cantora, vestida com uma túnica vermelha, é posicionada diante de flores brancas, tendo como fundo uma cortina igualmente vermelha. Os copos-de-leite, utilizados como elementos ornamentais, remetem simbolicamente à pureza e à paz, em analogia aos lírios na iconografia clássica.¹⁸ Essa composição, embora não apresente tensão formal significativa, evoca, ainda que de modo distante, os retratos de santos e santas que frequentemente aparecem

¹⁷ Claudius Ceccon trabalhou a partir de 1954 na revista *O Cruzeiro*. Talvez trouxe ele essa linguagem visual para a revista *Cruz de Malta*.

¹⁸ Isso não define seu uso preferencial. No Brasil, a flor é a preferida para decorações de casamento. Na Alemanha, o uso dela é estritamente para velórios e funerais.

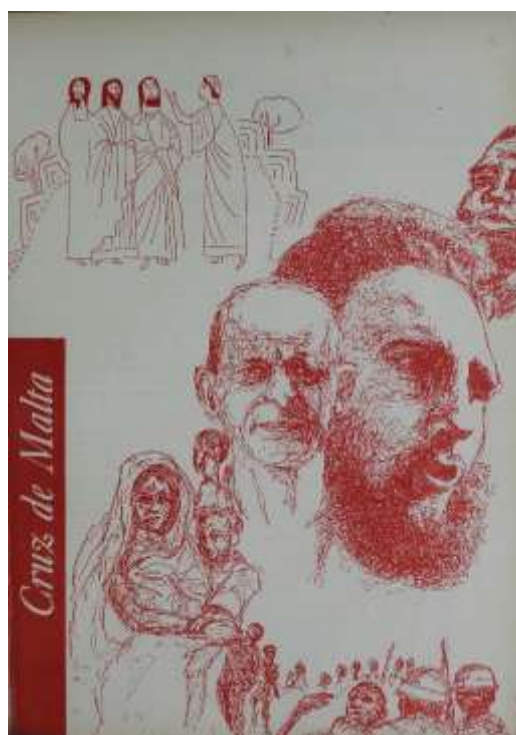
acompanhados de três lírios brancos. Podemos sintetizar que, com esse novo padrão de capa, a revista da juventude metodista alcançou, já em 1960, a contemporaneidade. Aquilo que hoje pode parecer “retrô” constituía, à época, uma expressão moderna. Mas que mundo era esse? Tratava-se de um universo religioso idealizado — simbolizado pelos copos-de-leite e pelos lírios — em que a vida se organizava em torno da prática da fé, da colaboração na construção de templos e da participação nos corais. Contudo, em julho do ano seguinte, inaugurou-se uma nova fase de ilustração, marcada não apenas pela preocupação em comunicar-se com o mundo ao redor mediante uma linguagem reconhecível, mas também pela busca de transmitir uma mensagem por meio de uma linguagem visual inédita. Essa narrativa visual emergente foi acompanhada por uma narrativa textual, inicialmente localizada na contracapa da revista, sob o título “Nossa capa”.

Figura 5: Capa da revista Cruz de Malta de junho 1961



Fonte: CdM, ano 34, n. 6, junho 1961, p. capa

Figura 6: Capa da revista Cruz de Malta de julho 1961



Fonte: CdM, ano 34, n. 7, julho 1961, p. capa

Emblemática é a explicação da capa de junho de 1961, que apresenta a imagem de uma igreja sobre um fundo branco, acompanhada da representação de uma nave espacial em decolagem (figura 5).

Com o voo pioneiro de Gagarin o homem rompe a barreira do espaço cósmico. [...] O cristão não pode alhear-se a esse progresso científico, nem pode eximir-se de sua responsabilidade no mundo novo que surge com consequência desse fato. O desenho de “nosso” *Claudius* mostra-nos uma igreja, estilo gótico, mediévia, que apenas toca levemente com as suas torres a abóboda celeste [...] Qual o papel da Igreja, sua missão, sua razão de ser, seu modo de agir [...] Em um mundo que se transforma com rapidez supersônica não se pode mais caminhar com a velocidade de ontem. Quando nos sentamos num banco de igreja, ávidos para receber uma mensagem para

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

o século XX, e ela nos chega com trajes do tempo de Império. [...]. Quando vemos a gente moça [...] tendo por motivo máximo de suas reuniões uma discussão a respeito se deve fazer um piquenique [...] \Quando vemos coisas como tais sem que ninguém se preocupe em ouvir os gritos de justiça que ecoam de todos os lados, em Cuba, no nosso paupérrimo nordeste, no convulsionado Congo, na Argélia, no Laos, nas favelas aqui perto, nas ruas de nossa cidade ... (CdM, ano 34, n. 6, junho 1961, p. 2).

Nessa passagem introdutória, a redação da revista apresenta o programa que, a partir de então, seria traduzido em uma nova linguagem visual: *“juventude em luta para um mundo melhor”*, subtítulo adotado pela *Cruz de Malta* a partir de 1962.¹⁹ As capas passam a reposicionar o(a) leitor(a): não se deve caminhar de costas para o mundo, voltado apenas para seus pares ou para a igreja, mas sim olhar diretamente para a realidade ao redor, enfrentando-a. Somente assim seria possível conquistar o céu.

Figura 7: Capa da revista cruz de Malta ,
capa de janeiro / fevereiro 1962



Fonte: Cruz de Malta, ano 35, n. 1, jan.- fev.

Figura 8: Capa da revista Cruz de Malta de março
/ abril 1962



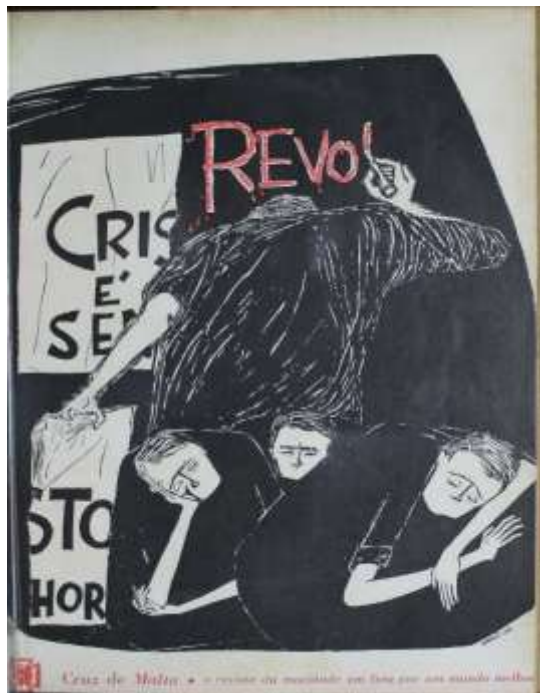
Fonte: Cruz de Malta, ano 35, n. 2, mar. - abr. 1962, capa

A capa do mês seguinte, julho de 1961 (figura 6), exemplifica essa mudança ao retratar o “mundo real”, composto por militares e civis, uma mãe com criança no colo,

¹⁹ Até junho de 1964, a revista manteve sua publicação, interrompida durante todo o ano de 1963. O desaparecimento coincide com a saída de Caio Navarro de Toledo da equipe editorial. Importa destacar que, em 1º de abril de 1964, ocorreu o golpe militar, evento que marcou profundamente o cenário político e cultural brasileiro e as biografias da antiga equipe editorial.

Gandhi, Fidel Castro e uma pessoa negra — possivelmente Martin Luther King Jr. Em forte contraste com esses retratos, observa-se, no canto superior esquerdo, um grupo de filósofos discutindo, mas sem se envolver, distante das tensões do mundo. Esse modelo de igreja, alheio às realidades sociais, é justamente aquele que a juventude metodista desejava superar e deixar para trás.

Figura 9: Revista *Cruz de Malta*, capa de julho / agosto 1962



Cruz de Malta, ano 35, n. 4, jul.-aug. 1962, p. capa

Figura 10: da revista *Cruz de Malta*, capa de março / abril 1962, p. 14



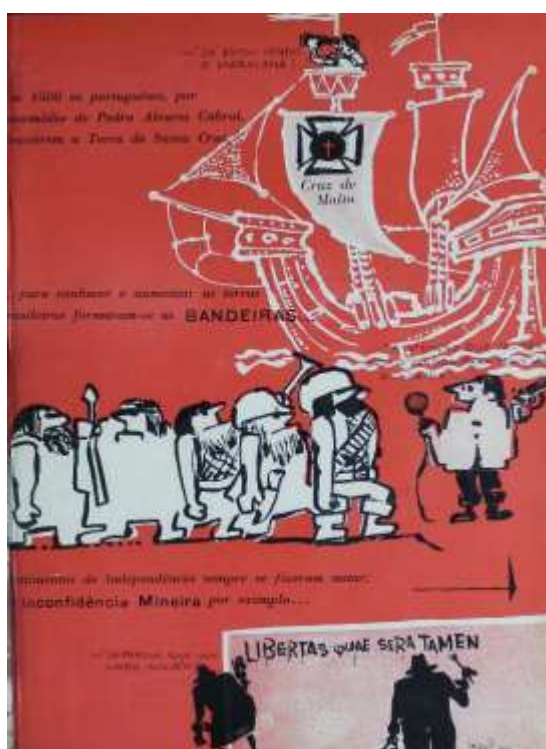
Cruz de Malta, ano 35, n. 2, mar.-abr. 1962, p. 14

As duas capas seguintes (figuras 7 e 8) introduzem o tema da crucificação de Jesus Cristo, relacionando-o, respectivamente, ao sofrimento do povo (figura 7) e à ameaça de extinção da humanidade em decorrência de uma guerra nuclear (figura 8). Na primeira dessas capas, assume-se uma posição explícita dentro da sociedade: trata-se de uma postura em defesa do povo indefeso, representado por uma idosa, uma mulher com uma criança no colo — motivo já recorrente — e um casal de jovens. Seus retratos aparecem inseridos em um martelo que prega uma mão com um prego sobre uma tábua, vinculando de forma direta o sofrimento da crucificação ao sofrimento popular. A mensagem é clara: é a revolta de Cristo contra a opressão e a dor do povo que o conduz à crucificação pelas autoridades; é sua solidariedade radical, “até a morte na cruz”, que demonstra que Deus não abandonou a terra nem os que sofrem. A capa da edição de março/abril dá continuidade a essa leitura da crucificação, reforçando a interpretação de Cristo como figura de resistência e identificação com os marginalizados. A coluna vertical da cruz é formada pela fumaça resultante da explosão de uma bomba nuclear, prolongando-se acima pela parte arredondada da detonação e compondo, em conjunto, o característico cogumelo atômico. Essa imagem surge um ano após a Crise dos Mísseis de Cuba, marcada pela ameaça de conflito nuclear entre a União Soviética e os Estados

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

Unidos. Cristo é representado como morto em solidariedade a todas as vítimas da guerra, constituindo um sinal contra a irracionalidade de sua vertente mais recente: a guerra nuclear. Em primeiro plano, uma pessoa rasga ao meio um cartaz com a inscrição “Cristo é o Senhor” e começa a escrever, em letras vermelhas, a palavra “Revol[ução]”. A cena ocorre enquanto um grupo de três pessoas dorme, indiferente ao que se passa ao redor. Diferentemente dos discípulos que abandonam Cristo em seu sofrimento no Getsêmani, trata-se aqui de indivíduos que ignoram os acontecimentos do mundo, inclusive aqueles que ameaçam o próprio anúncio do senhorio de Cristo. Na colagem ao lado (figura 10), evidenciam-se os contrastes sociais da recém-inaugurada capital, Brasília.

Figura 11: Revista Cruz de Malta, Capa de setembro a outubro 1962



Fonte: CdM, ano 35, n. 4, set.-out. 1962, p. capa

Figura 12: Revista Cruz de Malta, página de setembro a outubro 1962



Fonte: CdM, ano 37, n. 4, set.-out. 1962, p. 4

Uma pessoa caminha diante dos novos edifícios representativos — com formas cilíndricas e caudas arquitetônicas — enquanto os pobres vivem em pequenas casas superlotadas. A colagem acompanha um artigo de título irônico: “*Brasil sem retoque para o brasileiro tranquilo*” (TOLEDO, 03-04/1962, p. 14-16).

Na edição de setembro/outubro de 1962, constrói-se uma narrativa de quatro páginas — incluindo a capa — que percorre a história do Brasil desde a “descoberta da Terra de Santa Cruz” até a construção de Brasília, sob a indagação: “*Como será a história do Brasil daqui por diante?*” (SCHISLER, 1962, p. 4). Essa breve narrativa remete à chegada dos portugueses, aos bandeirantes, à Inconfidência Mineira, à Independência de 1822, à abolição da escravidão em 1888, à proclamação da República e, finalmente, à

construção de Brasília, destacando, contudo, a exclusão dos trabalhadores que ergueram a nova capital. Como parte do editorial, o pastor William R. Schisler Filho, o “Dico”, acrescenta uma reflexão sobre as eleições de 1962, situando o debate político no horizonte da juventude metodista e reforçando o vínculo entre fé, cidadania e responsabilidade social.

Uma oportunidade de determinar este futuro se nos apresenta agora nas eleições de outubro. Mas a mocidade cristã brasileira já compreendeu que não basta esperar as eleições e tentar optar entre a menos pior das escolhas. É preciso lutar nas fronteiras onde as decisões estão sendo feitas - fronteiras ideológicas de classe, nas estruturas políticas e econômicas - onde candidatos estão sendo escolhidos e plataformas delineadas (SCHISLER, 1962, p. 4).

Mais uma vez, observa-se a leitura crítica do mundo, neste caso da narrativa que a própria nação brasileira constrói sobre si mesma. Essa narrativa é reiteradamente interrompida de forma irônica, revelando suas contradições, como se evidencia na última caricatura da p. 4 (figura 12). Nela, os trabalhadores responsáveis pela construção de Brasília, expulsos da cidade após sua inauguração, questionam em sotaque nordestino: “Mas, fumus nois qui construimu. Purque num podemu entrá?” A cena denuncia uma nação que se volta de costas para seus trabalhadores, urbanos e rurais, e explicita a necessidade de uma igreja cristã que assume seu lugar ao lado deles.

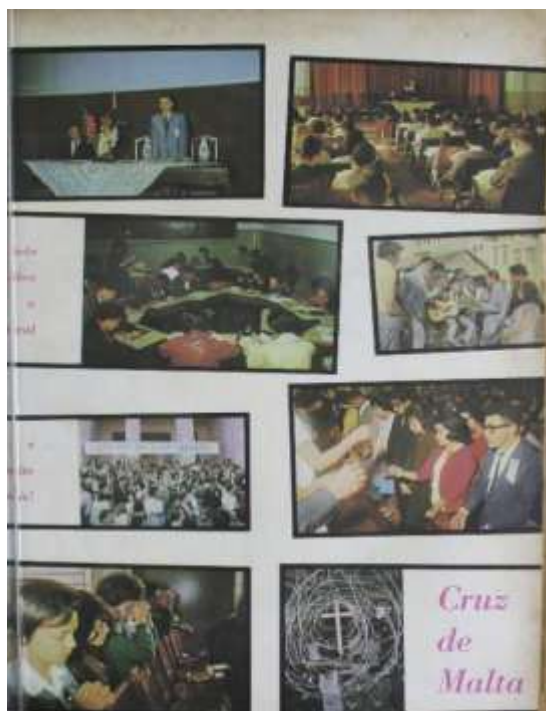
Em 1964, poucos meses após o golpe militar que retirou da juventude militante até mesmo a palavra “revolução”, voltam a aparecer nas capas da *Cruz de Malta* fotografias da vida cotidiana da juventude metodista na igreja (figura 13): estudando, tocando violão, participando de congressos, tomando a Santa Ceia e orando. Já a última capa do ano de 1964 encerra-se com uma referência ao artista popular católico Raimundo de Oliveira. Mais uma vez, “Dico” assume a condução editorial (figura 14). Sua entrevista descreve o percurso do artista, seus contatos com protestantes, suas raízes populares e conclui com a provocação: “Quando produzirá o protestantismo brasileiro um pintor de temas bíblicos da estatura artística de um Raimundo, mas, com ainda maior sensibilidade espiritual à mensagem total da Escritura?” (SCHISLER, 11-12/1964, p. 13).²⁰ Com essa pergunta, que parece ecoar a pergunta de Gilberto Freire de 1962, finalizamos a breve apresentação das capas da revista *Cruz de Malta*. Além disso, esse trecho marca uma inflexão: após a ousadia estética e política das capas anteriores, a revista retorna a um registro mais interno e devocional, mas por um momento ainda sem abdicar por completo da reflexão crítica.

Figura 13: Capa da Cruz de Malta de setembro a outubro 1964

Figura 14: Capa da Revista Cruz de Malta, de novembro a dezembro 1964

²⁰ O cruzamento do tema da cultura com o tema do compromisso social transparece também em seu artigo na revista *Cruz de Malta* com o título “Como vai o seu Q.[Quociente] C[ultural].?” (SCHISLER, 1962, p. 14-18). Acréscimos no título pelo autor.

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962



Fonte: CdM, ano 37, n. 4, set.-out. 1964, p. capa



Fonte: CdM, ano 37, n. 5, nov.-dez. 1964, p. capa

A pergunta final de Schisler revela tanto a busca por uma arte protestante enraizada na cultura popular quanto a expectativa de que ela fosse capaz de traduzir, com profundidade espiritual, a totalidade da mensagem bíblica. Além disso, apresenta as perguntas políticas através dos temas culturais de uma forma mais indireta.

2. Uma linguagem religiosa visual de vanguarda em prol de uma espiritualidade militante

Buscamos demonstrar a hipótese de que parte da juventude protestante — aqui representada pela equipe redacional da revista *Cruz de Malta* nos anos de 1962 e 1963 — procurava construir uma nova linguagem artística capaz de articular, entre sua geração, um projeto de cristianismo engajado. Tratava-se de um cristianismo voltado para o desenvolvimento do Brasil, mas com atenção especial aos mais vulneráveis e excluídos. Esse anseio se traduziu em um estilo artístico que privilegiava a representação da realidade brasileira. Tal perspectiva transparece em diversos momentos, como na apreciação da equipe redacional acerca do *Cinema Novo*, movimento que, à época, buscava retratar criticamente o país e suas contradições sociais.

[...] o Cinema Novo. Um cinema sério que — bem ao contrário das centenas de chanchadas completamente desvinculadas da realidade brasileira — está inteiramente voltado aos nossos problemas. É um cinema engajado [...] o Cinema Novo é a busca desesperada duma saída para o nosso subdesenvolvimento (GUARABI; TOLEDO, 07-08/1962, p. 24).

Essa narrativa artística, “inteiramente voltada aos nossos problemas”, configura-se como uma arte engajada que se insere na tradição do realismo brasileiro, inaugurada

Renders, Helmut (2026).

no campo da literatura nas obras tardias de Machado de Assis, por volta de 1880. No plano estilístico, recorre-se a uma estética gráfica oriunda sobretudo da comunicação visual e do desenho gráfico, cuja narrativa se mostra mais contemporânea. Em serviço e à procura do bem comum, vinculada às realidades brasileiras, essa perspectiva religiosa articula-se por meio das linguagens do desenho gráfico, transformando a arte em instrumento de crítica social e de engajamento cristão.

Figura 15: Ruedi Kulling, Cartaz para canetas BIC, 1962



Fonte: www.pinterest.org

Figura 16: Heartfield, John. *Come and see Germany*, 1936



Fonte: <https://akronartmuseum.org>

As capas da *Cruz de Malta* evocam a estética dos cartazes, incluindo desenhos realizados com a ponta dura de canetas. Essa dureza das linhas contrasta com uma estética voltada ao belo e ao agradável, favorecendo, em vez disso, um estilo documental, um registro social não suavizado pela busca da beleza formal. Com isso, delineia-se também uma estética diferenciada em relação à cruz e à crucificação, mais próxima dos crucifixos produzidos durante a peste bubônica ou do célebre *Retábulo de Isenheim*, pintado por Matthias Grünewald. O realismo dessa tradição abandona o caminho clássico da estética como beleza — entendida como retrato agradável — e a substitui por uma estética “realista”, aberta à articulação entre o povo e Cristo, ao sofrimento solidário que culmina em sua morte na cruz: o Cristo abandonado por muitos, mas que jamais abandona os que sofrem.

Outro recurso para articular esse realismo religioso é o estilo gráfico em forma de colagem. Uma das referências mais evidentes é John Heartfield²¹ (figuras 10 e 16), cuja

²¹ John Heartfield era o pseudônimo de Helmut Herzfelde (1891-1968).

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

obra satírica e politicamente engajada inspirou a juventude metodista a experimentar novas linguagens visuais para traduzir sua crítica social e sua fé engajada.

Foto 17: Igreja Metodista de Sorocaba, SP



Fonte: Cruz de Malta, ano 34, n. 2, p. 4 (fev. 1961)

Foto 18: Igreja Metodista de Sorocaba, SP



Fonte: Cruz de Malta, ano 33, n. 11, p. 2 (nov. 1960)

Naquele período, o debate sobre a abertura externa da igreja em prol do bem comum na sociedade encontrava paralelo em um movimento interno de ressignificação do espaço litúrgico nas comunidades metodistas (figuras 17 e 18). A derrubada da grade que separava o santuário da nave, sinalizando espacialmente a graça de Deus como incondicional e universal, e a instalação de um púlpito para leituras leigas ao lado do púlpito tradicional, indicando a importância do sacerdócio comum, anunciaram juntos uma abertura da igreja para um novo tempo.

O que hoje nos parece comum — e até mesmo padrão na organização do espaço litúrgico — era, à época, considerado uma verdadeira revolução. Como afirmava um leitor da *Cruz de Malta*, tratava-se de uma mudança que simbolizava não apenas uma nova estética espacial, mas sobretudo uma nova teologia prática: a de uma igreja que se reconhece como comunidade inclusiva, participativa e comprometida com a universalidade da graça.

A arquitetura de nossos templos em revolução

FIQUEI DEVERAS IMPRESSIONADO com o artigo de Enzo Ceccon, na revista de novembro, a respeito da revolução arquitetônica que se processa em nossos templos, com a volta da centralidade da mesa de comunhão (ou altar) [...]

Agora, o que mais me impressionou foram as contra-capas. Achei aqueles interiores belíssimos. Inspiram reverência [...] O que achei interessante foi o contraste entre o antes e o depois [...] A modificação é impressionante! Posso imaginar o efeito que teria em minha igreja local tal modificação. Mas, para isto, será preciso mudar toda uma mentalidade. E isto não será fácil. Mas rogamos que Deus use a CRUZ DE MALTA para liderar esta revolução tão importante. [...]

- Publicamos ao lado, [...] uma reprodução do antes e depois das nossas duas contra-capas de novembro. O contraste torna-se agora ainda mais claro, não? (CRUZ DE MALTA, 2, fev. 1961, p. 4).

Enquanto a revolução litúrgica nos templos metodistas avançou gradualmente ao longo das décadas seguintes — até se tornar padrão por volta de 1980/1985 —, a revolução na cultura visual da *Cruz de Malta* não voltou a se manifestar com a mesma intensidade. Isso revela uma diferença fundamental: no espaço litúrgico, as mudanças foram institucionalizadas, transformando-se em práticas comuns e permanentes. Já no campo da cultura visual, a ousadia estética dos anos 1962/1963 permaneceu como um momento singular, quase experimental, que não encontrou continuidade. Essa assimetria mostra como a juventude metodista foi capaz de propor rupturas significativas, mas também como certos impulsos criativos se perderam diante das pressões políticas e sociais do período, especialmente após o golpe de 1964.

A experiência da *Cruz de Malta* entre 1962 e 1964 revela duas dimensões complementares da juventude metodista: por um lado, a ousadia estética e política de suas capas, que buscaram articular um cristianismo engajado em diálogo com as contradições sociais e culturais do Brasil; por outro, a transformação litúrgica que, ao longo das décadas seguintes, se consolidou como prática comunitária e padrão institucional.

Enquanto a revolução visual permaneceu como um gesto efêmero, sufocado pela repressão e pela necessidade de recuo após o golpe de 1964, a revolução litúrgica avançou silenciosamente, tornando-se parte da identidade metodista. Essa assimetria evidencia tanto os limites impostos pelo contexto histórico quanto a força criativa de uma juventude que ousou experimentar novas linguagens — visuais, textuais e litúrgicas — para anunciar um cristianismo comprometido com o povo e com a realidade brasileira.

Considerações finais

A experiência da *Cruz de Malta* entre 1962 e 1964 revela duas dimensões complementares da juventude metodista: de um lado, a ousadia estética e política de suas capas, que buscaram articular um cristianismo engajado em diálogo com as contradições sociais e culturais do Brasil; de outro, a transformação litúrgica que, ao longo das décadas seguintes, se consolidou como prática comunitária e padrão institucional.

Enquanto a revolução visual permaneceu como gesto efêmero, sufocado pela repressão e pela necessidade de recuo após o golpe de 1964, a revolução litúrgica

avançou silenciosamente, tornando-se parte da identidade metodista. Essa assimetria evidencia tanto os limites impostos pelo contexto histórico quanto a força criativa de uma juventude que ousou experimentar novas linguagens — visuais, textuais e litúrgicas — para anunciar um cristianismo comprometido com o povo e com a realidade brasileira. As capas da revista *Cruz de Malta* de 1962, criadas por Derli Barroso, apresentam uma linguagem visual religiosa sem precedentes na cultura evangélica brasileira, tanto em seus aspectos formais quanto nos conteúdos articulados. Seu aparecimento e desaparecimento marcam um momento breve, mas decisivo, na história do protestantismo de missão, quando juventude militante e igreja não se percebiam como contradição, mas como opção legítima, defendida por um segmento interno.

Esse momento não surgiu de repente, nem se perdeu de uma noite para outra. A introdução dessa linguagem visual anunciava a possibilidade de que juventude militante e igreja caminhassem juntas; seu abandono, retrospectivamente, sinaliza o impasse que preferiu sacrificar a juventude em vez de radicalizar a igreja em torno das causas comuns. A busca por uma linguagem artística nova, capaz de articular um tempo novo em reação à sociedade e vivida a partir das convicções religiosas, não se realizou dentro da igreja naquele momento.

Entretanto, não foi a última vez que novas narrativas visuais procuraram articular projetos dentro das comunidades metodistas. Hoje, vivemos outra revolução cultural e religiosa, expressa por cartazes, mídias digitais e páginas na internet. Fica para futuros estudos a tarefa de apresentar e analisar essas novas narrativas visuais religiosas, bem como investigar a relação entre projetos gráficos, visões de mundo e reflexos nas liturgias das igrejas e comparar os resultados com a produção visual do ano 1962.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, João Dias de. Mãos vazias; Nordeste; sem fim. *Cruz de Malta*, ano 35, n. 4, p. 26-27, set./out. 1962.

ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*: a história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil. 3. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. 222 p [1ª ed. 1982, ISER].

BEULKE, Dorival. A grande fogueira. *Cruz de Malta*, ano 35, n. 1, p. 16-18, jan./fev. 1962.

CECCON, Claudius Silvius Petrus. *10 coisas sobre os direitos dos trabalhadores*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CECCON, Claudius Silvius Petrus. *A vida na escola e a escola na vida*. 43. ed. Petrópolis: Editora Vozes; IDAC, 2013 [1ª ed.1990].

CECCON, Claudius Silvius Petrus. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pes-soa14876/clauidius>>. Acesso em: 07 de set. 2018.

Renders, Helmut (2026).

CECCON, *Claudius Silviu Petrus*; EDNIR, Madza. *Caminhos para elaborar uma proposta de Educação Integral em Jornada Ampliada*. Brasília: MEC, 2011.

CECCON, *Claudius Silviu Petrus*; FREIRE, Paulo. *El grito manso / The Meek Cry*. Madri: Siglo XXI Ediciones, 2004.

DERLI Barroso. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3515/derli-barroso>>. Acesso em: 07 de set. 2018. Verbete da Enciclopédia.

DERLY Marques. Anti-comunismo: na fonte de inspiração para pastores sem assunto. *Expositor Cristão*, ano 77, n. 20, p. 2, 15. out. 1962.

DERLY Marques. *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa403533/derly-marques>>. Acesso em: 07 de set. 2018.

FREIRE, Gilberto. A tarefa do artista é servir. In: CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. Cristo e o processo revolucionário brasileiro: Conferência do Nordeste. IV Reunião de Estudos. Rio de Janeiro: Loquib, 1963, p. 59-60.

GUARABI, Heleny. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa405346/heleny-guariba>>. Acesso em: 07 de set. 2018. Verbete da Enciclopédia.

GUARABI, Heleny; TOLEDO, Caio. O pregador é “protestante”. *Cruz de Malta*, ano 35, n. 3, p. 23-25, jul.-ago. 1962.

HEARTFIELD, John. Colagem “Come and see Germany”. *Arbeiter-Illustrierte-Zeitung*, vol. 15, n. 27, p. 432, jul. 1936.

RENDERS, Helmut. Uma proposta de periodização da cultura visual evangélica brasileira: surgimento, abrasileiramento e metaformização glocal. [Dossiê Cultura Visual]. *Numen*, vol. 21, n. 1, p. 10-37, jan.-jun. 2018.

S. N. Fronteira cultural. In: CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. Cristo e o processo revolucionário brasileiro: Conferência do Nordeste. IV Reunião de Estudos. Rio de Janeiro: Loqui, 1963, p. 182.

SANTOS, Almir dos. Set. 1960, A fronteira cristã dos nossos dias. *Cruz de Malta*, ano 33, n. 1, p. 14-18, jan.-fev. 1960.

SCHISLER FILHO, William R. Como vai o seu Q. C.? *Cruz de Malta*, ano 35, n. 4, p. 14-18, set.-out. 1962.

SCHISLER FILHO, William R. “Natal é tristeza para Raimundo”. In: *Cruz de Malta*, ano 37, n. 5, p. 10-13 (nov./dez. 1964).

A juventude metodista expõe os desafios do mundo à igreja:
a linguagem visual vanguarda da revista cruz de malta de 1962

SHAUL, Richard. O que é mesmo que Cristo pode fazer por nós?... *Cruz de Malta*, ano 34, n. 1, p. 9-12, jan. 1961.

SHAUL, Richard. O cristão na esquerda. *Cruz de Malta*, ano 35, n. 2, p. 26-32, mar.-abril 1962.

SHAUL, Richard. O cristão no momento revolucionário de hoje. *Cruz de Malta*, ano 35, n. 5, p. 22-26, maio-jun. 1962.

S.N. Gilberto Freire falha aos evangélicos. *Expositor Cristão*, ano 78, n. 8, 1, p. 3, 05-04, 1963.

TOLEDO, Caio Navarro de. Brasil sem retoques para o brasileiro tranquilo. *Cruz de Malta*, p. 14-16, mar.-abr. 1962.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TOLEDO, Caio Navarro de (Org.). *1964 visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2014.